

Stieg Larsson

# Os Homens Que Odeiam as Mulheres

12.<sup>a</sup> edição

Tradução do inglês por  
Mário Dias Correia

  
oceanos



## PRÓLOGO

### UMA SEXTA-FEIRA EM NOVEMBRO

ACONTECIA TODOS OS ANOS, como um ritual. E naquele dia, o do seu octogésimo segundo aniversário, voltou a acontecer. Quando a flor foi entregue, desfez o embrulho e pegou no telefone para ligar ao comissário Morell que, depois da reforma, se retirara para a região do lago Siljan, em Dalarna. Ele e Morell tinham não só a mesma idade, como tinham até nascido no mesmo dia – o que, dadas as circunstâncias, não deixava de ser irónico. O velho polícia estava sentado com a sua chávena de café, à espera do telefonema.

– Chegou.

– O que é, este ano?

– Não faço a mínima ideia de como se chama. Vou ter de arranjar alguém que mo diga. É branca.

– Nenhuma carta, suponho.

– Só a flor. A moldura é do mesmo género da do ano passado.

Uma dessas de armar.

– Carimbo dos correios?

– Estocolmo.

– Caligrafia?

– O mesmo de sempre, tudo maiúsculas. Letras direitas, precisas.

Com isto, o tema ficou esgotado, e mais nenhuma palavra foi dita durante quase um minuto. O polícia reformado recostou-se na cadeira da cozinha, a fumar o seu cachimbo. Sabia que já não se esperava dele o comentário arguto ou a pergunta incisiva capaz de lançar uma nova luz sobre o caso. Tudo isso ficara muito longe no passado, e o diálogo entre os dois tinha todo o ar de uma ligação ritual a um

mistério que mais ninguém em todo o mundo estava minimamente interessado em desvendar.

O nome latino era *Leptospermum (Myrtaceae) rubinette*. Nativa das terras altas e do matagal australiano, onde crescia entre os tufos de erva e era conhecida pelo nome de neve-do-deserto, tinha cerca de dez centímetros de altura, folhas parecidas com as da urze e uma flor branca com cinco pétalas e menos de dois centímetros de diâmetro. Uma especialista do Jardim Botânico de Uppsala confirmaria, mais tarde, que praticamente ninguém a cultivava na Suécia. A botânica dizia, no seu relatório, tratar-se de uma planta aparentada à árvore-do-chá e por vezes confundida com a sua prima mais comum, a *Leptospermum scoparium*, abundante na Nova Zelândia. O que as distinguia, fazia notar, era o facto de as pontas das pétalas da *Rubinette* apresentarem um pequeno número de microscópicos pontos cor-de-rosa que lhes davam um levíssimo matiz rosado.

A *Rubinette* era uma flor totalmente despreziosa. Não tinha quaisquer propriedades medicinais conhecidas e não induzia experiências alucinatórias. Não era comestível nem usada no fabrico de corantes vegetais. Por outro lado, os aborígenes da Austrália consideravam sagradas a grão e a flora à volta de Ayers Rock.

A botânica acrescentava nunca ter, pessoalmente, visto nenhum exemplar, mas que, depois de consultados alguns colegas, estava em condições de afirmar que tinham sido feitas várias tentativas de introduzir a planta num viveiro em Gotemburgo, e que havia sempre, claro, a possibilidade de ser cultivada por botânicos amadores. Era difícil criá-la na Suécia porque só se dava em climas secos e tinha de ser mantida em estufa durante metade do ano. Não crescia em terrenos calcários e só se podia regar as raízes. Em suma, precisava de mimos.

O facto de ser uma flor tão rara deveria ter tornado mais fácil detectar a origem daquele exemplar específico, mas, na prática, revelou-se uma tarefa impossível. Não havia registos a consultar nem

licenças a investigar. Um número indeterminado de entusiastas – de um punhado a algumas centenas – podia ter tido acesso a sementes ou a plantas. E essas sementes ou plantas podiam ter mudado de mãos entre amigos, ou ter sido compradas por encomenda postal em qualquer país da Europa, ou dos Antípodas.

Era, no entanto, apenas mais uma na série de misteriosas flores que todos os anos, no primeiro dia de Novembro, chegavam pelo correio. Sempre flores bonitas e na sua maioria raras, sempre secas, montadas sobre um fundo de papel de aguarela numa simples moldura de 15 por 27,5 centímetros.

A estranha história das flores nunca aparecera referida na imprensa; apenas meia dúzia de pessoas sabia da sua existência. Trinta anos antes, a chegada regular das flores fora objecto de amplo escrutínio – no Laboratório Forense Nacional, por parte de peritos em impressões digitais, grafologistas, investigadores criminais e um ou dois parentes e amigos do destinatário. Agora, os actores do drama estavam reduzidos a três: o velho aniversariante; o polícia reformado; e a pessoa que enviava as flores. Os dois primeiros, pelo menos, tinham chegado a uma idade tal que o grupo de partes interessadas não tardaria sem dúvida a ver-se ainda mais diminuído.

O polícia era um veterano com muitos anos de investigação criminal. Nunca esqueceria o seu primeiro caso, em que tivera de deter, antes que magoasse alguém, um violento e incrivelmente bêbedo funcionário de uma subestação eléctrica. Ao longo da sua carreira, engaiolara caçadores furtivos, maridos que batiam nas mulheres, vigaristas, ladrões de automóveis e condutores embriagados. Lidara com gatunos, traficantes de droga, violadores e um bombista louco. Estivera envolvido em nove casos de assassinio ou homicídio. Em cinco deles, o próprio assassino chamara a polícia e, cheio de remorsos, confessara ter matado a mulher, ou o irmão, ou outro parente qualquer. Outros dois tinham sido resolvidos numa questão de dias. Um outro exigira a ajuda da Polícia Judiciária Nacional e demorara dois anos a solucionar.

O nono caso fora resolvido a contento da polícia: o que significava que sabiam quem era o assassino, mas as provas de que dispunham

eram tão insubstanciais que o Ministério Público resolvera não ir a tribunal. Para eterno desgosto do ex-comissário, o estatuto de prescrição acabara por pôr definitivamente uma pedra sobre o assunto. Mas, no todo, podia olhar para trás e considerar que tivera uma carreira notável.

No entanto, sentia-se tudo menos satisfeito.

Havia anos que aquele «Caso das Flores Secas» era, para ele, como um espinho cravado na carne: o seu último, frustrante e nunca resolvido caso. A situação era duplamente absurda porque, depois de ter passado literalmente milhares de horas a pensar naquilo, em serviço e fora dele, continuava a não poder afirmar sem margem para dúvidas que fora de facto cometido um crime.

Os dois homens sabiam que quem montara as flores usara luvas, que não haveria impressões digitais na moldura nem no vidro. As molduras podiam ser compradas numa papelaria ou loja de artigos fotográficos em qualquer parte do mundo. Não havia, pura e simplesmente, quaisquer pistas a seguir. A encomenda era quase sempre enviada de Estocolmo, mas duas tinham chegado de Londres, duas de Paris, duas de Copenhaga, uma de Madrid, uma de Bona e uma de Pensacola, na Florida. O comissário fora obrigado a consultar um atlas.

Depois de pousar o auscultador do telefone, o homem que naquele dia completava oitenta e dois anos ficou durante muito tempo sentado a olhar para aquela flor, bonita mas totalmente desprovida de significado, cujo nome, na altura, ainda não conhecia. Então, olhou para a parede por cima da secretária. Estavam ali penduradas quarenta e três flores, nas respectivas molduras. Quatro filas de dez e mais uma de quatro, em baixo. Na primeira fila faltava a correspondente à nona posição. A neve-do-deserto seria a quadragésima quarta.

Sem aviso, começou a chorar. Aquela explosão de emoções, ao cabo de quase quarenta anos, apanhou-o completamente de surpresa.

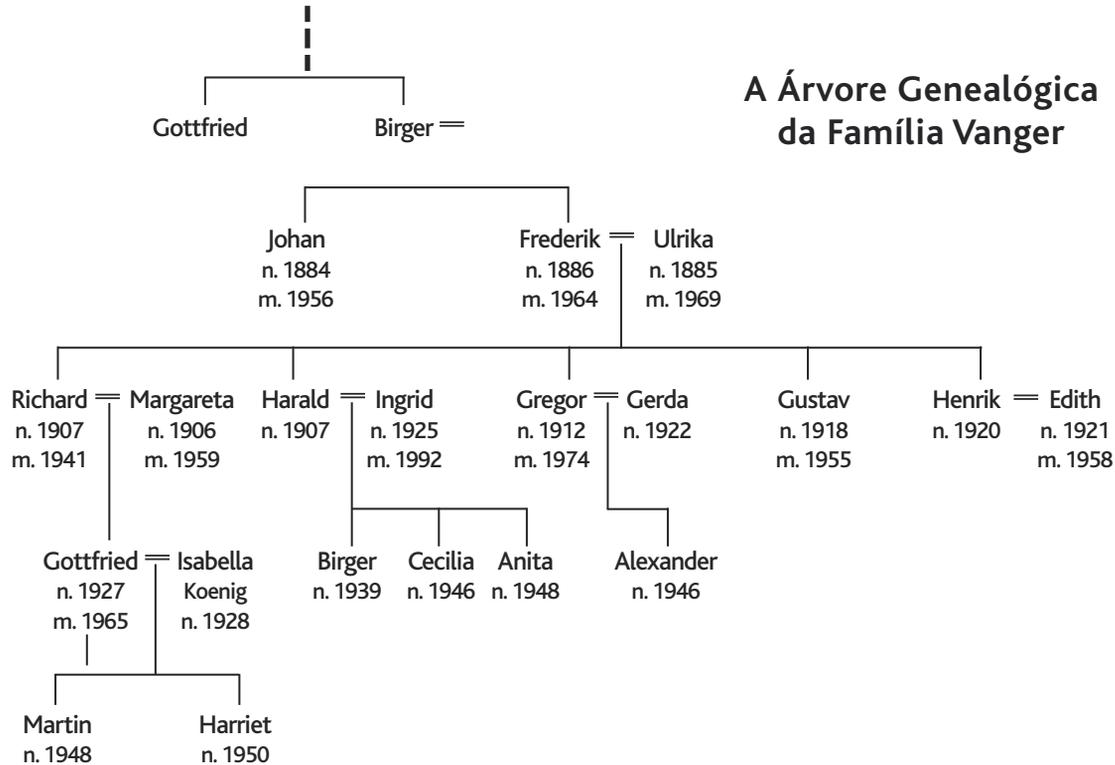
1.<sup>a</sup> PARTE

# INCENTIVO

20 de Dezembro – 3 de Janeiro

NA SUÉCIA, 18% DAS MULHERES FORAM, NUMA  
OU NOUTRA OCASIÃO, AMEAÇADAS POR UM HOMEM

## A Árvore Genealógica da Família Vanger



# CAPÍTULO I

SEXTA-FEIRA, 20 DE DEZEMBRO

O JULGAMENTO TINHA CHEGADO irremediavelmente ao fim; tudo o que havia a dizer fora dito, mas ele nunca duvidara de que perderia. A sentença escrita foi-lhe entregue às dez da manhã de sexta-feira, e agora faltava apenas enfrentar os jornalistas que esperavam no corredor, à porta do tribunal distrital.

Carl Mikael Blomkvist viu-os através do vidro, e abrandou o passo. Não tinha a mínima vontade de discutir a sentença, mas as perguntas eram inevitáveis, e ele – melhor que ninguém – sabia que tinham de ser feitas e respondidas. *Ser um criminoso é isto*, pensou. *Estar do outro lado do microfone*. Endireitou as costas e tentou sorrir. Os jornalistas dispensaram-lhe uma recepção amistosa, quase embaraçada.

– Deixem-me ver... *Aftonbladet*, *Expressen*, TT, TV4, e... de onde é você?... Ah, sim, *Dagens Nyheter*. Devo ser uma celebridade – disse Blomkvist.

– Dê-nos um *sound bite*, *Super Blomkvist*. – Era o repórter de um dos vespertinos.

Como sempre lhe acontecia ao ouvir a alcunha, Blomkvist fez um esforço para não rolar os olhos nas órbitas. Em tempos, quando tinha vinte e três anos e iniciava o seu primeiro emprego de Verão como jornalista, acontecera-lhe, por puro acaso, descobrir um bando que roubara cinco bancos nos últimos dois anos. Não havia a mínima dúvida de que se tratara, em todos os casos, dos mesmos indivíduos. A sua marca registada era assaltar simultaneamente dois bancos, com uma precisão militar. Usavam máscaras de personagens do Disney World, de modo que, inevitavelmente, a polícia os alcunhara de Gangue do

Pato Donald. Os jornais, pelo seu lado, tinham preferido a designação de Gangue dos Irmãos Metralha, mais sinistra e mais consistente com o facto de, em duas ocasiões, terem disparado tiros de aviso e ameaçado transeuntes mais curiosos.

O sexto golpe fora contra um banco em Östergötland, no pico da estação de veraneio. Quisera a sorte que um dos clientes presentes na agência fosse um jornalista de uma estação de rádio local que, mal os assaltantes saíram, correria para um telefone público e contara a história em directo.

Blomkvist estava a passar alguns dias com uma namorada na casa de Verão dos pais dela, em Katrineholm. O que fora exactamente que o levava a fazer a ligação foi coisa que não soube explicar, nem sequer à polícia, mas, ao ouvir a reportagem, lembrou-se de um grupo de quatro homens que vira numa casa de férias umas poucas centenas de metros mais abaixo, junto à estrada. Estavam a jogar badmínton, no quintal: quatro tipos louros, atléticos, de calções e tronco nu. Eram muito evidentemente adeptos da musculação e houvera qualquer coisa neles que o fizera olhar duas vezes. Talvez o facto de jogarem à torreira do sol com o que reconheceu ser uma energia intensamente concentrada.

Não houvera qualquer razão plausível para suspeitar que fossem assaltantes de bancos, mas, mesmo assim, deslocara-se até ao alto de uma colina de onde se avistava a casa. Parecia deserta. Passados quarenta minutos, um *Volvo* estacionara diante da porta. Os quatro jovens apearam-se, com ares apressados, e cada um deles levava na mão um saco de desporto, o que podia perfeitamente significar apenas que regressavam de uma qualquer actividade tão inócua como um mergulho no lago. Mas, então, um deles voltara ao carro e tirara da bagageira um objecto que escondera apressadamente com o casaco. Mesmo do seu relativamente distante posto de observação, Blomkvist reconheceu uma AK4, a espingarda automática que fora sua companheira de todos os momentos durante o ano de serviço militar.

Telefonara à polícia, e assim começou um cerco de três dias coberto pelos meios de informação a nível nacional, com ele a ocupar um lugar na primeira fila e a ser regamente pago por um jornal vespertino.

A polícia montara o seu quartel-general numa caravana estacionada no quintal da casa da namorada.

A queda do Gangue dos Irmãos Metralha dera-lhe o estatuto de estrela que o lançara como jovem jornalista. O lado negativo desta publicidade fora o facto de um outro jornal não ter resistido à tentativa de usar o título «Super Blomkvist resolve o caso». A história, contada num tom jocoso, era da autoria de uma jornalista já de certa idade e continha referências ao jovem detective dos livros infantis de Astrid Lindgren. E, para agravar ainda mais as coisas, o jornal publicara a história juntamente com uma fotografia, deliberadamente granulosa, de Blomkvist de boca meio aberta e dedo esticado, a apontar.

O facto de nunca, em toda a sua vida, Blomkvist ter usado o nome Carl não fez a mínima diferença. A partir daquele momento, e para sua extrema irritação, passara a ser Super Blomkvist para os colegas de profissão – um epíteto usado em tom irónico não exactamente pejorativo, mas também não verdadeiramente lisonjeiro. Não obstante o seu respeito por Astrid Lindgren, cujos livros adorava, detestava a alcunha. Tinham sido precisos vários anos e outros êxitos jornalísticos muito mais notáveis para que o apodo começasse a desaparecer, mas a verdade era que ainda se encolhia sempre que ouvia alguém usar o nome.

Naquele momento, conseguiu um plácido sorriso e disse ao jornalista do vespertino:

– Oh, inventem qualquer coisa vocês mesmos. É o que costumam fazer.

O tom não foi desagradável. Conheciam-se todos uns aos outros, mais ou menos, e os críticos mais acerbos de Blomkvist não tinham aparecido naquela manhã. Um dos presentes chegara inclusivamente a trabalhar com ele, durante algum tempo. E numa festa, anos antes, quase conseguira engatar uma das jornalistas – a mulher do programa *Ela*, da TV4.

– Chegaram-lhe com força, ali dentro – disse o da *Dagens Nyheter*, claramente um jovem estagiário. – Qual é a sensação?

Apesar da gravidade da situação nem Blomkvist, nem os jornalistas mais velhos conseguiram impedir-se de sorrir. Trocou um olhar

com a TV4. *Qual é a sensação?* pergunta o cretino do jornalista desportivo, espetando o microfone na cara do Atleta Ofegante sobre a linha de chegada.

– Só posso lamentar que o tribunal não tenha chegado a uma conclusão diferente – disse, um tudo-nada pomposamente.

– Três meses de prisão e cento e cinquenta mil coroas de indemnização. É bastante duro – disse *Ela*, da TV4.

– Hei-de sobreviver.

– Vai pedir desculpa ao Wennerström? Apertar-lhe a mão?

– Não me parece.

– Continuará então a afirmar que ele é um vigarista? – *Dagens Nyheter*.

O tribunal acabava de decidir que ele difamara e caluniara o financeiro Hans-Erik Wennerström. O julgamento chegara ao fim e não tencionava recorrer. Que aconteceria se repetisse as suas acusações à porta do tribunal? Decidiu que preferia não o descobrir.

– Julguei ter boas razões para publicar a informação que me chegara às mãos. O tribunal não foi da mesma opinião e eu tenho de aceitar que o processo judicial seguiu o seu curso. Vamos discutir a sentença no conselho editorial antes de decidirmos o que fazer. Não tenho mais nada a acrescentar.

– Mas como foi que esqueceu que os jornalistas têm sempre de apoiar em provas aquilo que afirmam? – *Ela*, da TV4. A expressão era neutra, mas Blomkvist julgou detectar-lhe nos olhos uma nota de desapontado repúdio.

Os jornalistas que ali estavam, exceptuando o rapaz da *Dagens Nyheter*, eram todos veteranos na profissão. Para eles, a resposta àquela pergunta situava-se para lá do concebível. «Não tenho nada a acrescentar», repetiu ele, mas enquanto os outros aceitavam isto, a TV4 encurralou-o contra as portas do tribunal e fez as suas perguntas diante da câmara. Foi muito menos dura do que ele merecia, e houve respostas claras suficientes para satisfazer todos os que ainda restavam. A história ia aparecer nos cabeçalhos, mas Blomkvist recordou a si mesmo que não estavam ali a lidar com o acontecimento mediático

do ano. Os jornalistas já tinham o que queriam e regressaram às respectivas redacções.

Ainda pôs a hipótese de ir a pé, mas estava um dia de Dezembro ventoso e frio, e já gelara o suficiente durante a entrevista. Enquanto descia as escadas do tribunal, viu William Borg appear-se do carro, onde devia ter permanecido sentado enquanto ele falava com os colegas. Os olhos dos dois encontraram-se, e Borg sorriu.

– Valeu a pena vir até aqui só para te ver com esse papel na mão.

Blomkvist não respondeu. Ele e Borg conheciam-se havia quinze anos. Tinham trabalhado juntos como estagiários na secção financeira de um matutino. Talvez fosse uma questão de química, mas logo nessa altura nascera e consolidara-se uma inimizade para toda a vida. Na opinião de Blomkvist, Borg era um jornalista de terceira categoria e um chato de primeira que aborrecia toda a gente com as suas piadas estúpidas e fazia comentários depreciativos sobre colegas mais velhos e mais experientes do que ele. Parecia detestar de uma forma especial as colegas de profissão. Tinham tido uma primeira discussão, e depois outras, e em pouco tempo o antagonismo entre os dois tornara-se uma coisa pessoal.

Ao longo dos anos, tinham-se confrontado regularmente, mas só a partir de finais dos anos noventa a coisa ganhara foros de inimizade a sério. Blomkvist publicara um livro sobre jornalismo económico em que citava largamente um certo número de artigos completamente idiotas escritos por Borg. Borg aparecia como um cretino pomposo que não sabia do que estava a falar e tecia loas a uma série de empresas ponto-com que estavam à beira de ir ao fundo. Quando, depois disto, se tinham encontrado num bar, em Söder, pouco faltara para chegarem a vias de facto. Borg deixara o jornalismo e trabalhava agora como Relações Públicas – por um salário consideravelmente mais elevado – de uma empresa que, para tornar as coisas ainda piores, pertencia à esfera de influência do industrial Hans-Erik Wennerström.

Olharam um para o outro durante um longo instante antes de Blomkvist dar meia-volta e começar a afastar-se. Era típico de Borg ir até ao tribunal só para ficar sentado no carro a rir-se dele.

O autocarro da carreira quarenta parou à frente do carro de Borg, e Blomkvist apanhou-o para sair dali. Apeou-se em Frihemsplan, ainda sem ter decidido o que fazer. Continuava a ter na mão o documento da sentença. Acabou por encaminhar os seus passos para o Kafé Anna, ao lado da entrada da garagem subterrânea da esquadra de polícia.

Meio minuto depois de ter pedido um *caffè latte* e uma sanduíche, a rádio começou a dar o noticiário da uma. A história seguiu-se à de um atentado suicida em Jerusalém e à notícia de que o governo tinha nomeado uma comissão para investigar a alegada criação de um novo cartel na indústria da construção.

O jornalista Mikael Blomkvist, da revista *Millennium*, foi hoje condenado a três meses de prisão por calúnia agravada contra o industrial Hans-Erik Wennerström. Num artigo que publicou há meses e em que denunciava o chamado caso Minos, Blomkvist acusou Wennerström de usar fundos do Estado destinados a investimento industrial na Polónia para negócios de armamento. Blomkvist foi igualmente condenado a pagar 150 mil coroas de indemnização. Numa declaração, Bertil Cammermarker, advogado de Wennerström, disse que o seu cliente estava satisfeito com a sentença. Foi um caso de difamação particularmente tempestuoso, disse.

A sentença estendia-se por 26 páginas. Expunha as razões que tinham levado o tribunal a considerar Blomkvist culpado de quinze crimes de difamação agravada contra o industrial Hans-Erik Wennerström. Cada acusação custava-lhe dez mil coroas e seis dias de prisão. E ainda havia as custas do tribunal e os honorários do advogado. Não queria sequer pensar em todas essas despesas, mas, ao mesmo tempo, não deixava de dizer para si mesmo que podia ter sido pior: o tribunal declarara-o inocente relativamente a sete outras acusações.

Enquanto lia a sentença, começou a sentir um peso e um desconforto crescentes no estômago. Aquilo surpreendeu-o. Logo no início do julgamento soubera que só um milagre o livraria da condenação, e resignara-se à inevitabilidade do resultado. Passara os dois dias de audiências estranhamente calmo, e depois aguardara durante mais 11

dias, sem qualquer agitação particular, que o tribunal concluísse as suas deliberações e produzisse o documento que naquele momento tinha nas mãos. Só agora se sentia invadido por um desconforto físico.

Quando deu uma dentada na sanduíche, o pão pareceu inchar-lhe na boca. Engoliu-o com dificuldade e afastou o prato para o lado.

Era a primeira vez que enfrentava uma acusação. O julgamento fora uma ninharia, relativamente falando. Um pequeno crime. Ao fim e ao cabo, não se tratara de um assalto à mão armada, ou de um assassinio, ou de uma violação. De um ponto de vista financeiro, no entanto, a situação era séria – a *Millennium* não era exactamente um navio-almirante do mundo dos *media*, com recursos ilimitados à sua disposição; na realidade, a revista pouco mais conseguia do que manter-se à tona –, embora também não se pudesse dizer que fosse catastrófica. O problema residia sobretudo no facto de ele, Blomkvist, ser um dos co-proprietários e, por mais que a cretinice da situação lhe saltasse agora à vista, simultaneamente colaborador e director da revista. Pagaria do seu bolso as 150 mil coroas, apesar de isso lhe levar praticamente todas as economias. A revista suportaria as custas do processo. Com cuidado e algum aperto, a coisa ia resultar.

Ponderou a hipótese de vender o apartamento, ainda que isso lhe partisse o coração. No final dos agitados anos oitenta, numa época em que tinha um emprego fixo e um ordenado simpático, pusera-se à procura de uma residência permanente. Visitara apartamentos atrás de apartamentos até descobrir um sótão com sessenta e cinco metros quadrados mesmo no fim da Bellmansgatan. O anterior proprietário estava a tratar de torná-lo habitável quando lhe tinham oferecido um emprego num empresa ponto-com no estrangeiro, e ele pudera comprá-lo muito barato.

Rejeitara os esboços do decorador de interiores original e terminara ele mesmo o trabalho. Gastara dinheiro a montar a casa de banho e a área da cozinha, mas em vez de mandar instalar um *parquet* e erguer paredes interiores para transformar o sótão no planeado apartamento de duas divisões, lixara as tábuas do soalho, pintara de branco as paredes em tosco e tapara os pedaços em pior estado com duas aquarelas de Emanuel Bernstone. O resultado era um *open space* com

a área de dormir atrás de uma estante e a área de comer junto à cozinha do outro lado de um pequeno balcão. Tinha duas janelas de trepeira e uma janela de empena com vista para os telhados na direcção de Gamla Stan, a parte mais antiga de Estocolmo, e para as águas de Ridarfjärden. Ainda avistava mais uma nesga de água perto das comportas de Slussen, e o edifício da Câmara Municipal. Nunca nos tempos que corriam poderia comprar um apartamento daqueles, e desejava ardentemente poder conservá-lo.

A eventual perda do apartamento nada era, porém, em comparação com o facto de, profissionalmente, ter apanhado um valente murro nos dentes. Demoraria muito tempo a reparar os estragos... se alguma vez fosse possível repará-los. Era uma questão de confiança. No futuro previsível, qualquer editor hesitaria em publicar uma história assinada por ele. Ainda lhe restavam no ramo muitos amigos dispostos a aceitar que fora vítima da má sorte e de circunstâncias invulgares, mas nunca mais poderia permitir-se o luxo do mais pequeno erro.

O que mais lhe doía era a humilhação. Tivera todos os trunfos na mão, e perdera para um semigangster com um fato Armani. Um miserável especulador da Bolsa. Um *yuppie* com um advogado famoso que passara o julgamento inteiro a rir-se dele.

Como, em nome de Deus, fora possível as coisas darem tão para o torto?

O caso Wennerström começara com grandes promessas na cabina de um *Mällar-30* de onze metros, na véspera de S. João, um ano e meio antes. Começara por acaso, tudo porque um tipo que fora em tempos jornalista e era na altura um dos sabujos do Departamento de Relações Públicas do conselho distrital queria impressionar a nova namorada e, dando provas de uma grande dose de precipitação, alugara um *Scampi* para passar alguns dias a velejar romanticamente pelo arquipélago de Estocolmo. A namorada, recém-chegada de Hallstahammar para estudar na capital, concordara com o passeio depois de uma resistência simbólica, mas só se a irmã e o namorado da irmã também fossem. Nenhum dos membros do trio de Hallstahammar tinha qualquer experiência de vela e, infelizmente, o antigo colega

de Blomkvist tinha muito mais entusiasmo do que experiência. Três dias antes da partida, telefonara-lhe, desesperado, e convencera-o a tornar-se o quinto membro da tripulação... e o único que sabia velejar.

De início, Blomkvist mostrara-se reticente, mas acabara por deixar-se convencer ao serem-lhe prometidos alguns dias de descontração no arquipélago, com boa comida e companhia agradável. Estas promessas tinham dado em nada, e a expedição redundara num desastre maior do que ele alguma vez poderia ter imaginado. Mal acabavam de zarpar de Bullandö, percorrendo, a uns sonolentos nove nós, a bela mas não exactamente dramática rota que os levaria para norte através do estreito de Furusund, quando a namorada enjoou. A irmã começou a discutir com o namorado, e nenhum deles mostrou o mais pequeno interesse em aprender fosse o que fosse sobre a arte de velejar. Depressa ficou claro que se esperava que ele, Blomkvist, se ocupasse do barco, enquanto os outros davam conselhos de um modo geral bem-intencionados mas basicamente inúteis. Depois da primeira noite numa baía em Ängsö estava pronto para atracar em Furusund e apanhar a camioneta de regresso a casa. Só os apelos desesperados do quarteto o persuadiram a ficar.

Na manhã seguinte, por volta do meio-dia, suficientemente cedo para ainda haver alguns espaços disponíveis, atracaram ao molhe dos visitantes da pitoresca ilha de Arholma. Almoçaram juntos e estavam a acabar quando Blomkvist reparou num *Fiberglass M-30* que entrava na baía usando apenas a vela principal. O barco descreveu uma graciosa curva, enquanto o timoneiro procurava um lugar no molhe. Também Blomkvist olhou em redor e viu que o buraco entre o *Scampi* deles e um *H-boat* a estibordo era o único espaço que restava. O estreito *M-30* caberia à justa. Pôs-se de pé na popa e apontou; o sujeito do *M-30* ergueu uma mão a agradecer e manobrou em direcção ao molhe. Um navegador solitário que não ia dar-se ao incómodo de ligar o motor, notou Blomkvist. Ouviu o retinir da corrente da âncora e, segundos mais tarde, a vela foi arriada, enquanto o tripulante se movia como um gato escaldado para orientar o leme para o espaço vazio enquanto ao mesmo tempo preparava o cabo da proa.

Blomkvist trepou para a amurada e estendeu a mão para o cabo. O *M-30* fez uma última correcção de rota e deslizou suavemente pela popa do *Scampi*, deslocando-se muito devagar. Foi só quando o recém-chegado atirou o cabo a Blomkvist que se reconheceram mutuamente e sorriram, encantados.

– Eh, Robban! Porque é que não usas o motor, para não raspar a tinta a todos os barcos do porto?

– Eh, Micke! Bem me pareceu que tinhas qualquer coisa de familiar. Podes apostar que usava o motor, se tivesse conseguido pôr aquela trampa a funcionar. Finou-se há dois dias, ao largo de Rödlöga.

Trocaram um aperto de mão por cima das amuradas.

Uma eternidade antes, no colégio de Kungsholmen, nos anos setenta, Blomkvist e Robert Lindberg tinham sido amigos. Como tantas vezes acontece nestes casos, a amizade entre os dois desvanecera-se quando cada um seguira o seu caminho. Tinham-se encontrado talvez meia dúzia de vezes nas duas décadas anteriores, a última das quais havia já sete ou oito anos. Naquele momento, estudavam-se um ao outro com interesse. Lindberg tinha os cabelos emaranhados, a pele bronzeada e uma barba de duas semanas.

Blomkvist começou imediatamente a sentir-se muito melhor. Quando o tipo das Relações Públicas e a tola da namorada foram dançar à volta do mastro de S. João em frente do grande armazém do outro lado da ilha, deixou-se ficar com o seu arenque fumado e a sua *aquavit* na ponte do *M-30*, a serrar presunto com o velho colega de escola.

A dada altura, já a noite tinha caído, tendo desistido de lutar contra os famosos mosquitos de Arholma, refugiaram-se na cabina inferior, e, depois de mais uns tragos de *aquavit*, a conversa descambou para uma ociosa troca de impressões a respeito de ética no mundo empresarial. Lindberg passara do colégio para a Faculdade de Economia de Estocolmo, e daí para o ramo bancário. Blomkvist licenciara-se pela Faculdade de Jornalismo de Estocolmo e dedicara grande parte da sua vida profissional a denunciar a corrupção que grassava na banca e nos negócios. Começaram por explorar o que havia de ético em certos acordos de pára-quebras dourados dos anos